

Conheça os maiores achados da Berlinale 2025

PÁGINAS 2 E 3



Tem Ito Melodia no pré-carnaval do Rival Petrobras

PÁGINA 4



Filha de BB King se apresenta nesta terça no Rio

PÁGINA 5



2º CADERNO

Divulgação



Demi Moore volta ao estelato no papel de uma apresentadora de TV decadente que recorre a uma fórmula misteriosa para rejuvenescer

Fernanda Torres não estava entre as indicadas à premiação do SAG, que tem grande número de membros votantes do Oscar

Divulgação



Timothée Chalamet é sério candidato ao Oscar de Melhor Ator por seu desempenho como o jovem Bob Dylan em 'Um Completo Desconhecido'

Demi Moore e Timothée Chalamet largam na frente

Por Affonso Nunes

Demi Moore conquistou o prêmio de Melhor Atriz no SAG Awards pelo filme "A Substância", reforçando seu favoritismo na disputa pelo Oscar. A premiação do Sindicato dos Atores de Hollywood, realizada na noite deste domingo em Los Angeles, é considerada um dos principais

termômetros para as categorias de atuação da Academia, já que muitos votantes são os mesmos.

Moore superou Mikey Madison ("Anora"), Karla Sofía Gascón ("Emilia Pérez"), Cynthia Erivo (Wicked) e Pamela Anderson ("The Last Showgirl"), todas celebradas ao longo da temporada de premiações. Fernanda Torres, que concorre ao Oscar de Melhor Atriz por "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, não estava entre as indicadas ao SAG, que foram anunciadas antes da premiação da

brasileira no Globo de Ouro e do cancelamento da espanhola Karla Sofía Gascón.

Entre as surpresas da noite, Timothée Chalamet venceu o prêmio de Melhor Ator por "Um Completo Desconhecido", cinebiografia de Bob Dylan, desbancando Adrien Brody ("O Brutalista"), Ralph Fiennes ("Conclave"), Daniel Craig ("Queer") e Colman Domingo ("Sing Sing"). Brody era considerado o favorito.

"Conclave", de Edward Berger, sobre os bastidores e a polari-

zação na eleição de um novo papa, venceu o prêmio de Melhor Elenco em Filme. Kieran Culkin, o irmão caçula de Macaulay Culkin, foi premiado como Melhor Ator Coadjuvante por "A Verdadeira Dor".

Na televisão, Hiroeyuki Sanada e Anna Sawai levaram os prêmios de Melhor Ator e Atriz Coadjuvantes em Série Dramática por "Xógum: A Gloriosa Saga do Japão". Jean Smart venceu como Melhor Atriz em Série de Comédia por "Hacks", e Martin Short

levou o prêmio de Melhor Ator na mesma categoria por "Only Murders in the Building". Jessica Gunning foi eleita Melhor Atriz em Minissérie ou Telefilme por "Bebê Rena", enquanto Colin Farrell venceu por sua atuação em "Pinguim".

No sábado (22), o Spirit Awards, premiação voltada ao cinema e à TV independentes, coroou Mikey Madison ("Anora") como Melhor Atriz. Confira a premiação completa do SAG em <https://encr.pw/1x7Pw>.

Berlinala/Divulgação



No Beast, So Fierce

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cheia de amor pelo Brasil, numa consagração de “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, a 75ª Berlinala encerrou suas atividades no domingo demarcando um repertório de narrativas nas quais o otimismo superava o habitual catastrofismo das curadorias germânicas anteriores. A nova diretora artística do evento, Trícia Tuttle, explicou numa coletiva que “a arte da escuta” sempre foi o atributo principal da maratona cinéfila da Alemanha. Por isso, ao sair da direção artística do BFI London Film Festival para assumir a guarda das mostras (competitivas ou não) de Berlim, a programadora quis emular essa habilidade de “escutar”, abrindo seus ouvidos para os ecos autorais do Presente. Ouviu expressões de indignação, lamentos e brados de guerra, mas soube decantar cânticos de prospecção nada derrotistas, a fim de compor uma seleção que mira o porvir, do mundo e da própria arte cinematográfica. Confira a seguir o que Berlim viu de melhor.

SORDA, de Eva Libertad (Espanha): A pátria de Almodóvar sempre faz bonito na Berlinala, quando entra em sua grade. Voltou para casa este ano com a láurea da Associação de Cinemas de Arte da Europa graças à batalha de Ángela, uma mulher com problemas auditivos, e Héctor, seu parceiro. Eles estão esperando um filho. Apesar de muito animados com a gravidez, não sabem se o bebê vai herdar a surdez da mãe. Depois de um trabalho de parto complicado e emocionalmente intenso, Ángela dá à luz sua filha, mas o casal terá que esperar alguns meses para saber se a neném sofre de algum problema de audição. Durante esse período, Héctor se esforça para entender completamente os desafios que Ángela está enfrentando, enquanto ela precisa se

Uma Berlinala para ficar na memória



Recheada de brasilidade, a maratona alemã de 2025 revelou uma série de pérolas, em suas diferentes mostras, mapeando novas tendências nas telas para a alegria dos cinéfilos



Nuria Jean/Divulgação

Sorda



We Made A Thing Studios

Lesbian Space Princess

conformar com a criação de um ser a quem pretende dedicar todo o seu querer.

BEGINNINGS (“Begyndelser”), de Jeanette Nordahl (Dinamarca): Destaque de “A Garota da Agulha” (hoje na MUBI e no páreo do Oscar), Trine Dyrholm foi premiada pela Berlinala em 2016, por “A Comunidade” e, desde então, filme após filme, ela se impõe como uma estrela de prestígio global, sempre levando a potência dramática escandinava consigo. Em seu filme mais recente, Trine vive Ane, cujo casamento com Thomas está nos finais, pois ele já tem uma

namorada. Depois que ela sofre um derrame, ele decide ficar e tenta reinventar a relação.

HORA DO RECREIO, de Lucia Murat (Brasil): Eis o filme mais requintado da realizadora carioca desde “Quase Dois Irmãos” (2004). Deixou a Berlinala coroado com a menção honrosa do júri da mostra Generation. É uma aula de estrutura dramática. Murat retrata a reação de uma série de estudantes a uma pesquisa com professores da rede pública. Os jovens documentados discutem temas como evasão escolar, racismo, tráfico de drogas, bala perdida, feminicídio e



Hora do Recreio

Spok Films



‘Little Trouble Girls’

gravidez precoce, além de performarem uma peça de teatro baseada no livro “Clara dos Anjos”. Por meio dessa dramatização, realizada por atores dos grupos Nós do Morro, do Vidigal; Grupo de Teatro VOZES, do Cantagalo; e Instituto Arteiros, da Cidade de Deus, alunas e alunos em cena comparam as interpretações às suas vivências como moradores de comunidades.

LITTLE TROUBLE GIRLS (“Kaj ti je deklica”), de Urška Djukic (Eslovênia): Um estudo sobre o benquerer e as sequelas que ele pode trazer no despertar da primavera

da vida. Foi laureado com o Prêmio da Crítica, pela excelência de sua edição. Na trama, montada com elegância, Lucia, uma jovem introvertida de 16 anos, entra para o coral feminino de sua escola católica, onde faz amizade com Ana-Maria, uma aluna popular e sedutora do terceiro ano. Durante um retiro de fim de semana em um convento remoto no campo, para ensaios intensivos, a crescente fascinação de Lucia por um restaurador começa a prejudicar seu vínculo com Ana-Maria e o restante de suas colegas de canto. Em meio a um ambiente desconhecido e ao despertar de sua sexualidade nascente, Lucia se vê questionando suas crenças e valores.

**Duas Vezes João Liberada**

Berlinalre/Divulgação

LESBIAN SPACE PRINCESS, de Emma Hough Hobbs e Leela Varghes (Austrália): Nas quebradas do Oscar com “Memórias de um Caracol”, a animação australiana ganhou um reforço e tanto ao conquistar o troféu Teddy da Berlimale com esta comédia interplanetária. Em seu enredo, a introvertida princesa Saira, filha das extravagantes rainhas lésbicas do planeta Clitópolis, fica arrasada quando sua namorada, a caçadora de recompensas Kiki, termina repentinamente com ela por ser muito carente. Quando Kiki é sequestrada pelo povo mau chamado Straight White Aliens, Saira precisa deixar o conforto da “gaylândia” para entregar o resgate solicitado: seu Royal Labrys, a arma mais poderosa conhecida no universo. O uso de cores na direção de arte é um deslumbramento.

**Begginings**

HOLDING LIAT, de Brandon Kramer (EUA, Israel): Uma eletrizante análise observacional do paiol de pólvora que o Oriente Médio pode ser. Seu foco é o sofrimento de uma família com quem tinham uma conexão prévia. Depois que a guia de turismo Liat Beinun Atzili foi raptada, em Kibbutz Nir Oz, em 7 de outubro de 2023, seus parentes – os israelenses e os americanos – enfrentam uma fase de horror, com medo de que ela seja assassinada. Seus entes queridos se unem para lutar pela sua libertação e pelo futuro de um projeto político de nação. Kramer ganhou o Prêmio do Júri Ecumênico pela forma como condensa a angústia de uma espera.

Holding Liat

Meridian Hill Pictures

**A Melhor Mãe do Mundo**

Divulgação

**'Maya, Donne-Moi un Titre**

exagera na cerveja. A direção da realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) cartografa uma São Paulo a céu aberto, resiliente.

BAJO LAS BANDERAS, EL SOL, de Juanjo Pereira (Paraguai): Sete anos depois da consagração de “As Herdeiras”, nuestros Hermanos paraguaios voltam a se destacar no coração berlinense. Este documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação às recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais

**Bajo Las Banderas, El Sol**

Divulgação

duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo cuidou para evitar esse destino.

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA, de Paula Tomás Marques (Portugal): A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que alme-

jam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.

NO BEAST, SO FIERCE (“Kein Tier. So Wild.”), de Burhan Qurbani (Alemanha): Cinco anos depois do visceral “Berlin Alexanderplatz” (2020), o realizador renano de origem afegã volta à Berlimale com uma reinvenção de “Ricardo III” centrada nas quadrilhas de origem árabe. Kenda Hmeidan tem uma atuação de escaldar o frio alemão no papel de Rashida, a filha mais nova o clã York, que ascende como líder do submundo de Berlim. Sua forma de retratar tiroteios deixaria Vin Diesel com inveja.

MAYA, DONNE-MOI UN TITRE, de Michel Gondry (França): Cerca de 21 anos depois de rodar “Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças” (2004), o mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raias da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano, como batatas fritas. Ganhou o Urso de Cristal da mostra Generation.

MEMORIAS DE LAS MARIPOSAS, de Tatiana Fuentes Sadowski (Peru): Um merecido Prêmio da Crítica ampliou o futuro desta produção documental peruana. Diretora de “La Huella” (2012), Tatiana teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem “civilizados” por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos – Omarino e Aredomi – mas pouco ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla – e de sua pátria. O que faz neste poroso filme é desconstruir a história oficial do comércio extrativista borracheiro no final do século XIX e início do século XX.

THE OLD WOMAN WITH THE KNIFE (“Pa-gwa”), de Min Kyu-dong (Coreia do Sul): Eis a cota anual de thrillers da terra de “Parasita” (2019). Sua estrela, Lee Hye-young, tem uma elegante atuação no papel da matadora Hornclaw (Hye-young). Ela se sustenta desde os anos 1970 como assassina. Na briga com faca, ninguém ganha dela. Sua vida mundana, mas sangrenta, toma um rumo inesperado quando conhece um jovem assassino cheio de gana que deseja trabalhar ao seu lado. Ela reluta e refuta, mas saca o talento do moço. Aos poucos, um incidente do passado vem à tona, num indício de que ele esconde uma sujeira da grossa.

CORREIO CULTURAL

Diamond Films/Divulgação



Berger e o astro Ralph Fiennes no set de 'Conclave'

Diretor inglês diz que adoraria trabalhar com Fernanda Torres

Edward Berger, diretor de "Conclave", filme indicado ao Oscar e vencedor do Baf-ta de melhor filme, afirmou que adoraria trabalhar com Fernanda Torres, protagonista de "Ainda Estou Aqui", longa que representa o Brasil no Oscar 2025 em três categorias. Em entrevista ao The Independent, Berger elogiou a atuação da atriz.

Sucesso global

Nesta última semana, "Ainda Estou Aqui" estreou em alguns países latinos, incluindo México, Argentina, Uruguai, Equador e Peru. Espanha e Inglaterra também passaram a exibir o longa brasileiro que concorre a três categorias no Oscar.

Sucesso global III

Na Argentina, o jornal Clarín avaliou o filme como "apaixonante, que se torna cada vez mais comovente à medida que se desenvolve". O texto ainda classifica o longa como "um dos melhores trabalhos de Walter Salles como diretor".

"Vi a Fernanda Torres em 'Ainda Estou Aqui' e, se algum dia tiver a oportunidade de trabalhar com ela, seria uma experiência maravilhosa", disse o diretor, que comentou a vitória da atriz no Globo de Ouro, prêmio que considerou inesperado. "Todos comemoraram. Foi uma conquista tão bonita e sincera", destacou.

Sucesso global II

O cineasta mexicano Alejandro González Iñárritu disse que "Walter Salles faz brilhar a luz do cinema por uma fenda na intransponível muralha da violência. Um filme de profunda sensibilidade e delicadeza, apesar da brutalidade que retrata".

Sucesso global IV

O espanhol El País afirmou que o filme narra a tragédia da ditadura brasileira com complexidade e sutileza: "Você tem uma excelente atriz, sóbria, revelando o que acontece dentro dessa mulher dilacerada, sem fazer o menor estardalhaço";



Ito Melodia iniciou sua trajetória na União da Ilha do Governador ao lado do pai, o saudoso Aroldo Melodia

Esquentando os tamborins com grandes vozes do samba

Ito Melodia comanda o pré-Carnaval no Rival e recebe convidados

Por Affonso Nunes

Uma das vozes mais respeitadas do carnaval carioca, Ito Melodia prepara uma grande celebração para aquecer os corações sambistas antes do esperado desfile deste ano no Sambódromo. Nesta terça-feira (25), o intérprete oficial da Unidos da Tijuca sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras para uma roda de samba especial, repleta de clássicos e sam-

União da Ilha em 1982, "Meiguice Descarada" (Almir Guineto) e "Amor de Pai" (Gilson Bernine), esta última eternizada em sua própria voz.

Criado em uma família de sambistas, Ito herdou o talento e a paixão pelo Carnaval de seu pai, Aroldo Melodia, lendário intérprete da União da Ilha do Governador. Foi na mesma escola que Ito iniciou sua trajetória como cantor, dividindo o carro de som com o pai no carnaval de 1991, sendo preparado para suceder o veterano sambista e consolidando-se como uma das grandes vozes do samba-enredo.

Defendeu a escola de coração em dois momentos e também outras agremiações, incluindo Porto da Pedra e Império Serrano, além de um período defendendo escolas do carnaval de São Paulo como a Mocidade Alegre e Mocidade Unida da Mooca. O sambista tem seis estandartes de ouro no carnaval carioca, quatro como intérprete e dois como compositor.

SERVIÇO

PRÉ-CARNAVAL COM ITO MELODIA E CONVIDADOS Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33- Cinelândia) 24/2, às 19h30 Ingressos entre R\$ 35 e R\$ 80

bas-enredo que marcaram época.

O evento contará com a participação de convidados que brilham na avenida: Tem Tem (União da Ilha), Matheus Gaúcho (União de Maricá), Tuninho Junior (Tradição) e Kleber Simpatia (Império Serrano).

No repertório, além do samba-enredo da Unidos da Tijuca para este ano, "Logun-Edé - Santo menino Que Velho Respeita", Ito revisita obras inesquecíveis como "É Hoje" (Didi/Mestrinho), da

Ela é a filha do Rei

Claudette King está no Brasil para uma série de shows em que reverencia o pai BB King

Por **Affonso Nunes**

Claudette King está de volta ao Brasil após o grande sucesso de sua primeira turnê pela América do Sul. Dinâmica, entusiasmada e ousada, a cantora traz no repertório sucessos próprios e homenagens ao lendário B.B. King (1925-2015), seu pai. Inspirada por ícones como Aretha Franklin, Chaka Khan, Michael Jackson e Mahalia Jackson, Claudette incorpora em sua performance a alegria e a intensidade que definem seu estilo vocal.

Divulgação



Claudette King se apresenta no Blue Note Rio nesta terça-feira

Após se apresentar no 15º Festival Blues de Londrina, no Paraná, ela segue em turnê por seis cidades até o dia 4 de março, quando encerra sua passagem pelo país no Garanhuns Jazz & Blues Festival, em Pernambuco. No Rio, ela se apresenta nesta terça-feira, às 22h30, no Blue Note Rio. Durante os shows, será acompanhada pela Bruno Marques Band, liderada pelo guitarrista e produtor brasileiro Bruno Marques, idealizador da Rota do Blues.

Nascida em San Francisco, na Califórnia, a filha caçula de BB King iniciou sua trajetória musical cantando no coral de uma igreja batista, crescendo sob a influência de vozes poderosas como as de Aretha Franklin, Chaka Khan e Mahalia Jackson. Mas nas entrevistas ela sempre diz que seu maior ícone sempre foi o pai, um músico reverenciado mundialmente, além de sua carreira brilhante, atuava como membro do conselho de diretores da “Little Kids Rock”, uma ONG que oferece instrumentos e educação musical a estudantes de escolas públicas nos Estados Unidos.

“Meu pai sempre me disse para explorar diferentes gêneros. Foi maravilhoso vê-lo em ação, se apresentando e sendo amado pelo público — recorda Claudette, para quem o Blues é “a raiz de tudo, de todos os outros gêneros”.

SERVIÇO

CLAUDETTE KING

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

25/2, às 22h30

Ingressos a partir de R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Em parceria

Jennie se uniu a Doechii para lançar “ExtraL”. A integra o álbum de estúdio “Ruby”, previsto para lançamento em 7 de março. “ExtraL” chega acompanhada de um clipe estrelado pelas duas artistas. O próximo trabalho solo da integrante do Blackpink trará colaborações com Childish Gambino, Dominic Fike, Dua Lipa, FKJ e Kali Uchis. Para celebrar o lançamento do álbum, a cantora realizará alguns shows intimistas pelos Estados Unidos, com estreia em Los Angeles na próxima semana.

Divulgação

Rafael Motta/Divulgação



Mineiros e baianos

A banda Trilho Elétrico disponibilizou “Plot Twist”, o primeiro de uma série de novos singles. Formada pelos mineiros Lelo Zaneti (ex-baixista do Skank) e Rodrigo Borges (sobrinho de Lô e Márcio Borges) e os baianos Manno Góes (compositor e fundador do Jammil e Uma Noites) e Lutte (ex-vocalista da banda Mosiah), a banda celebra a relação cultural entre os dois estados. Com leveza e a diversidade da mistura de sonoridades e influências que passeiam pela riqueza rítmica da Axé Music, a força do rock e a energia do reggae, apresenta um pop ensolarado e alto astral.

Divulgação



Caixinha de surpresas

“Cuida do seu homem se não vou roubar”, é assim que a baiana Cris Lima passa o recado no single “Rapariga Eu Sou”. A faixa recebeu elogios de Pablo Vittar e soma quase um milhão de plays nas plataformas de streaming e mais de 300 milhões de visualizações nas redes sociais. “Essa música tem uma força incrível é uma letra audaciosa, que ao mesmo tempo tem um tom de humor sarcástico muito presente em seus versos (risos). Eu brinco que ela é uma caixinha de surpresas, que promete emoções do início ao fim e tudo pode acontecer”, diz a artista.

Um filme para não se esquecer

Divulgação MUBI

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Devastador (mas apaixonante) do início ao fim, “Memórias de um Amor” (“Supernova”, 2020) entra na grade da MUBI nesta sexta-feira, em pleno carnaval, carregando um histórico de consagração. No limiar do melodrama, essa love story crepuscular foi um ímã de pranto em sua passagem pela competição oficial do Festival de San Sebastián, na Espanha, em 2020.

A Europa vivia o auge da pandemia em sua primeira exibição e sua mirada afetuosa sobre parcerias caiu como um analgésico nas retinas do Velho Mundo. No boom da covid-19, a saga de dois artistas que se amaram durante anos, sem dar bola para a homofobia, e agora enfrentam um término imposto por razões biológicas soou como um convite para a plateia repensar seus quereres.

Houve choro, aplauso e críticas positivas em sua recepção por terras bascas. Apesar da arrancada calorosa, o longa-metragem de CEP britânico não teve espaço em circuito brasileiro, mesmo com as resenhas entusiasmadas recebidas durante o evento espanhol, à força de seus protagonistas.

Diretor do charmoso “Crônica de Uma Certa Nova York” (2000) e ator de muito respeito, Stanley Tucci esgrima cena após cena com Colin Firth, astro laureado com a estatueta de Hollywood em 2011, por “O Discurso do Rei”. Os dois, no apogeu da maturidade cênica, esbanjam mel no papel de um casal ameaçado por uma doença que pode



O músico vivido por Colin Firth embala o escritor interpretado por Stanley Tucci em ‘Memórias de um Amor’

MUBI leva ao streaming o delicado ‘Memórias de um Amor’, com Stanley Tucci e Colin Firth, que ficou inédito em circuito apesar dos elogios colhidos no Festival de San Sebastián

limar as recordações (e as células cerebrais) do personagem de Tucci.

Quem ainda não assina o www.mubi.com, agora tem uma boa justificativa pra isso. A direção é do também ator e cineasta Harry Macqueen. “Pra quem tem a experiência da interpretação, como eu, a generosidade desses dois titãs em cena é um presente: Firth e Tucci se doam na inteireza a uma história sobre erosão”, disse o realizador ao Correio da Manhã em San Sebastián. “É um filme sobre o prazo de validade da saúde, do corpo, contra a permanência do querer, da parceria”.

Com um tônus de delicadeza ascendente, “Memórias de um Amor” tem no silêncio apaixonado de seu casal central – o

músico Sam e o escritor Tusker – seu combustível. Tucci dá a Tusker uma dimensão poética rara de se ver: cheio de si, em sua esgrima com as palavras, esse autor está diante de um diagnóstico de demência capaz de liquidar sua memória. Seu marido, Sam (melhor papel de Firth em anos) testemunha sua peleja diária com um mal terminal e suas decisões nem sempre palatáveis.

Macqueen filma os dois com doçura, sem apelar para closes invasivos, calçado na partitura melancólica do músico Keaton Henson em sua trilha sonora. Em um dado momento, fala-se “Não se chora luto de alguém que está vivo”. É a deixa para se entender o quanto um abraço pode ser um abrigo e quão analgésico o efeito de mãos dadas

pode ter sob as células cerebrais.

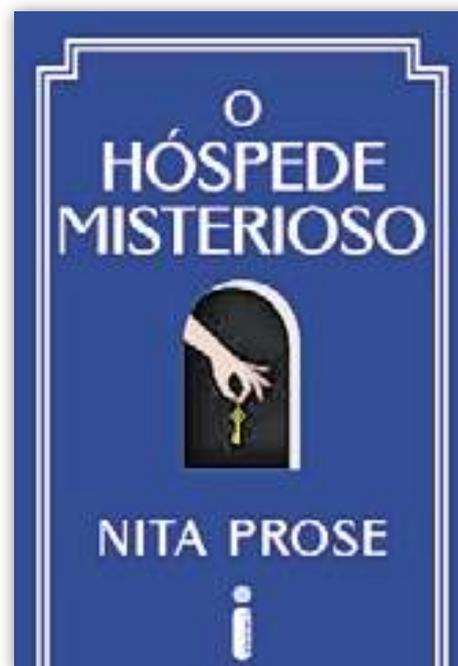
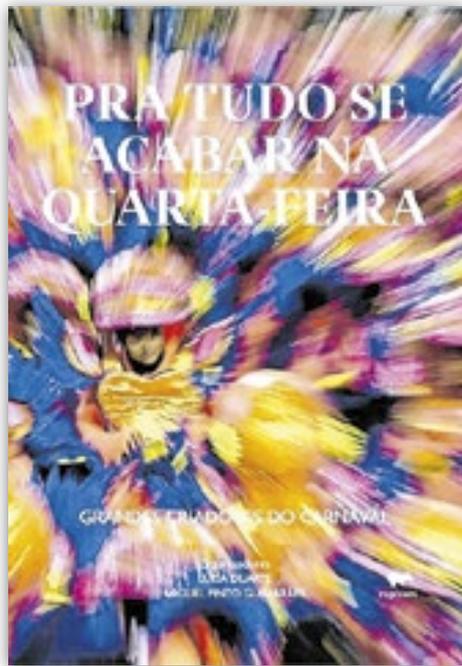
Num momento de devastar miocárdios, Tusker se propõe a ler um discurso para a família de seu companheiro. Mas prefere que o próprio Sam o leia. Na leitura, San Sebastián virou geleia e aplaudiu aquela paixão com ardor ibérico. Quem zapear o longa na Paramount, terá uma sensação semelhante.

Também no próximo dia 28, a MUBI inicia uma retrospectiva da cineasta paulista Carolina Markowicz, exibindo “Namoro À Distância”, “O Órfão”, “Postergados”, “Edifício Tatuapé Mahal” (codirigido por Fernanda Salloum) e o premiadíssimo “Carvão”, com Maeve Jinkings. A diretora é uma voz essencial da comunidade queer na luta contra a intolerância.

CRÍTICA / LIVROS

Pressão

pré-carnavalesca



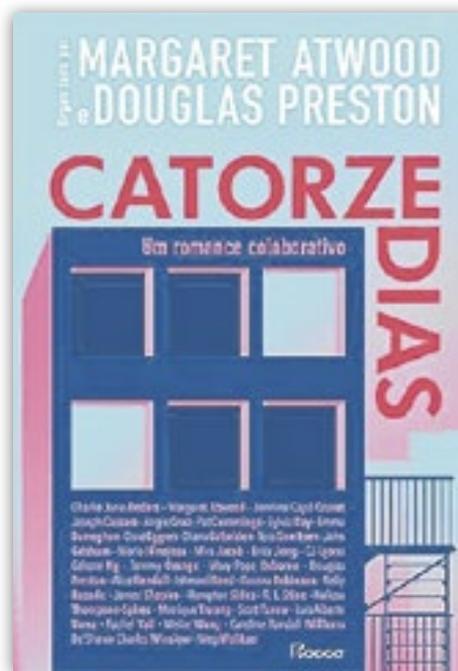
Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Carnaval é para pular, ver, acompanhar. E ler, também. O colorido das fantasias dos desfiles das escolas de samba cariocas está no belíssimo “Pra tudo se acabar na quarta-feira” (Capivara, R\$ 190), que aborda a intervenção dos carnavalescos a partir de meados do século XX na manifestação festiva criada pelo extrato mais humilde da população da cidade.

Enquanto os textos dos especialistas no tema Haroldo Costa e Luiz Antônio Simas recordam a evolução dos desfiles, os organizadores do livro, Miguel Pinto Guimarães e Luísa Duarte, tratam dos espetáculos como manifestações artísticas requintadas. A história de criadores, entre eles Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues e Max Lopes, é detalhada em biografias entremeadas por imagens exuberantes, captadas por fotógrafos dos principais jornais brasileiros. A edição bilíngue traz ainda a reprodução de croquis dos carnavalescos, numa festa sensorial a ser saboreada pelo leitor.

Quem não é folião, aprovei-

ta o maior feriado brasileiro para relaxar antes do início do ano oficial do país, que começará na segunda-feira pós Carnaval. Para se desligar do baticum e se refestelar na rede, “Catorze dias” (Rocco, R\$ 94,90) tem a Covid e um edifício de Nova York como ensejo para uma recriação livre do “Decamerão”, o clássico de Boccaccio, que escandalizou a sociedade da Idade Média com as 100 narrativas contadas por um grupo de jovens que se fecham em um castelo da Toscana, a fim de escapar da Peste Negra. Organizadas por Margaret Atwood e Douglas Preston, as histórias foram escritas por 36 autores dos mais diversos gêneros literários, como Sylvia Day, Emma Donoghue, R.L. Sime, Erica Jong, Celeste Ng,



John Grisham e Tess Gerritsen. No fim do volume, é possível descobrir quem escreveu o quê.

Em 2022, Nita Prose lançou o divertido e hipnótico thriller, “A camareira”, que tinha Molly Gray, uma jovem singela,

criada pela avó, como a protagonista. As novas aventuras de Molly em “O hóspede misterioso” (Intrínseca, R\$ 69,60) servem para esclarecer o passado misterioso da moça e talvez até explicar sua excessiva ingenuidade, porém o enredo carece do tom brejeiro do primeiro livro. Ainda assim, é cativante o suficiente para um suspense que evoca Agatha Christie em ambientação contemporânea.

Uma forma de esquecer do verão inclemente que assola o país é transportar-se para a Coreia do Sul, cenário do delicado “Inverno em Sokcho” (Ayiné, 59,90), cuja temperatura média na estação fica em torno de 15 graus negativos. O idílio entre um cartunista francês de meia idade e a jovem atendente da

pousada onde ele se hospeda é delicado e lento, acompanhando a temporada em que a cidade turística fica vazia. Choques culturais e etários se sobrepõem à união do casal neste premiado livro de estreia de Elisa Shua Dusapin, que, como a protagonista do romance, é filha de um francês e de uma coreana.

O mais famoso filme de Alfred Hitchcock, “Psicose”, baseado na história do americano Robert Bloch, só se tornou um sucesso graças à adaptação cinematográfica. Ainda assim, Hitchcock afirmava que o filme era totalmente calcado no texto de Bloch, com poucas liberdades no enredo. Diz a lenda que, antes do lançamento, em 1960, o cineasta buscou comprar todas as cópias do livro, evitando que o público descobrisse antecipadamente o mistério de Norman Bates. Bloch se inspirou livremente no assassino Ed Gein, que costumava vestir-se com roupas femininas. Mesmo quem sabe o segredo de Norman Bates, vai se encantar com a narrativa rápida e bem estruturada sobre um serial killer, que ganhou nova caprichada edição da Darkside (R\$ 69,90), ilustrado por fotografias do filme.

Evoé, Momo! Até o ano que vem!!!

Divulgação

Reprodução

Morre Roberta Flack, ícone do soul e do R&B, aos 88



Cantora gravou inúmeros sucessos e celebrizou-se com a canção 'Killing Me Softly With This Song'

Formada em piano clássico, Roberta Flack sonhava em ser cantora de óperas, mas acabou trabalhando como professora. Os shows que fazia em bares e night clubs nas horas vagas abriram-lhe as portas para o sucesso

Roberta Flack, a voz por trás de uma penca de sucessos, incluindo o hit “Killing Me Softly With His Song”, faleceu nesta segunda-feira (24) aos 88 anos. “Estamos de coração partido, pois a gloriosa Roberta Flack faleceu nesta manhã”, diz o comunicado divulgado por sua família. “Ela morreu pacificamente, cercada por sua família. Roberta quebrou barreiras e recordes. Ela também foi uma educadora orgulhosa.” Após adoecer durante uma apresentação em 2018, seu empresário revelou que Flack havia sofrido um derrame alguns anos antes.

Com sua presença marcante e a versatilidade para cruzar as fronteiras de vários gêneros musicais, a artista emprestou seu belo timbre a toda a gama de canções românticas. Flack é apontada como uma das maiores artistas da soul e do R&B de todos os tempos.

Roberta Flack nasceu em 1937 em Black Mountain, na Carolina do Norte (EUA), em uma família de músicos. Sua mãe, Irene, era organista de coral em uma igreja, o que levou Roberta a ter contato precoce com a música religiosa e clássica. Começou a tocar piano aos nove anos e, aos 15, foi admitida na Howard University com uma bolsa integral para estu-

dar música, sendo uma das estudantes mais jovens a ser aceita na história da instituição.

Aos 19 anos, após se formar, Roberta aspirava a ser cantora de ópera, antes de assumir um cargo de professora. Paralelamente, começou a se apresentar em clubes noturnos durante as noites e fins de semana, mesclando elementos de música clássica, blues, folk, Motown e pop. Sua virtuosidade garantiu-lhe apresentações regulares em locais de Washington DC e, em 1968, uma temporada num restaurante a fez abandonar definitivamente o ensino.

Ela conheceu o pianista e cantor de soul

jazz Les McCann, que a apresentou à Atlantic Records – no início de 1969, ela já estava gravando seu álbum de estreia, “First Take”, numa janela de apenas 10 horas em estúdio. O álbum retratava aqueles de cantora da noite, immortalizando a coleção eclética de faixas que ela passara tanto tempo interpretando. Nas notas de capa da edição original, McCann escreveu: “A voz dela tocou, bateu, prendeu e expressou todas as emoções que eu já conheci. Eu ri, chorei e gritei por mais.”

Foi somente em 1971, e com sua participação na trilha sonora de “Play Misty for Me”, de Clint Eastwood, que sua versão da balada folk “The First Time Ever I Saw Your Face” se tornou seu primeiro grande sucesso nos Estados Unidos. A música ficou seis semanas em primeiro lugar em 1972, conquistando um prêmio Grammy de gravação do ano em 1973. “Killing Me Softly With His Song” lhe rendeu o mesmo prêmio em 1974, fazendo de Flack a primeira artista a vencer dois anos consecutivos. Nesse ano, ela obteve outro N° 1 nos EUA com “Feel Like Makin’ Love”.

Nessa época, a estrela começou a colaborar com a lenda do soul Donny Hathaway; a dupla teve dois hits entre os cinco primeiros nos EUA com “Where Is the Love” e “The Closer I Get to You”. Em 1980, um ano após a morte de Hathaway, a dupla teve um sucesso póstumo no Reino Unido com “Back Together Again”, que alcançou o N° 3, embora o maior hit da carreira de Flack no Reino Unido tenha sido com seu novo parceiro de dueto, Peabo Bryson: a balada “Tonight, I Celebrate My Love”, que chegou ao N° 2 em 1983.

A impressionante gama de influências e colaboradores de Flack era um reflexo de sua abordagem multidisciplinar e estilo idiossincrático. Ela fez duetos com Michael Jackson, turnês com Miles Davis e gravou covers de Leonard Cohen e Laura Nyro. Após seu sucesso inicial, passou a ser associada ao crescimento do chamado quiet storm, um desdobramento profundo, maduro e reflexivo do R&B, que mais tarde inspiraria artistas como Erykah Badu, D’Angelo e os Fugees (que, por sua vez, gravaram uma versão de “Killing Me Softly” que rivalizou com a de Flack como a versão definitiva). Mais recentemente, em 2012, Flack lançou uma série de covers dos Beatles em um álbum intitulado “Let It Be Roberta”.

Ela disse certa vez a um jornalista: “O que eu considero ser é uma cantora de alma, pois tento cantar com todo o sentimento que tenho no corpo e na mente. Uma pessoa com verdadeira alma é aquela que pode pegar qualquer canção e transcender todas as falhas, a técnica, e simplesmente fazer você ouvir.”